

Teologia Sistemática

Augustus Hopkins
STRONG



Teologia
Sistemática

EDIÇÃO REVISADA E AMPLIADA

VOLUME 1



HAGNOS

© 2003 Editora Hagnos
Systematic Theology

Tradução
Augusto Victorino

Revisão
Carlos Augusto Pires Dias
Edna Guimarães
João Guimarães

Capa
Douglas Lucas

Diagramação
Atis Design

Gerente editorial
Juan Carlos Martinez

Coordenador de Produção
Mauro W. Terrenghi

2ª edição - Agosto 2007
3ª edição - Fevereiro 2008

Impressão e acabamento
Imprensa da Fé

Todos os direitos reservados para:
Editora Hagnos
Av. Jacinto Julio, 620
04815-160 - São Paulo - SP - Tel/Fax: (11) 5668-5668
hagnos@hagnos.com.br - www.hagnos.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Strong, Augustus Hopkins, 1836-1921
Teologia sistemática / Augustus Hopkins Strong;
[tradução Augusto Victorino]. -- 2. ed. rev.
e atual. -- São Paulo: Hagnos, 2007.

Título original: Systematic theology
Obra em 2 v.

ISBN 978.85.7742.009-4

1. Batistas - Doutrinas 2. Teologia doutrinal
I. Título

07-3032

CDD-230

Índices para catálogo sistemático:
1. Teologia sistemática: Religião 230

TEOLOGIA SISTEMÁTICA

Um compêndio
preparado para o uso de estudantes de teologia

Augustus Hopkins Strong, D. D. LL D.
Reitor e professor de teologia bíblica do
Seminário Teológico Rochester
autor de "The great poets and their theology",
"Christ in creation", "Philosophy and religion",
"Miscellanies", vols. I e II etc.

CHRISTO DEO SALVATORI.

“O olho vê somente o que traz com ele o poder de ver.” –

Cícero

“Desvenda os meus olhos, para que eu contemple
as maravilhas da tua lei”

(Sl 119.18).

“Pois em ti está o manancial da vida; na tua luz, vemos a luz”

(Sl 36.9).

“Porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos.

Quando, porém, vier o que é perfeito, então, o que
é em parte será aniquilado”

(1Co 13.9,10).

PREFÁCIO

Foi uma grande surpresa saber que a *Teologia sistemática* de Strong, aquela obra monumental de pensamento teológico da minha juventude na Escola Graduada de Wheaton, bem como no Seminário da Fé, estava sendo traduzida e editada em português. Confesso que não tenho lido muito dessa teologia, tão conhecida no mundo evangélico durante mais de cem anos. Contudo, descobri que é uma vasta fonte de informação teológica e bíblica. Não é necessário concordar com tudo que Strong escreveu para aproveitar a impressionante coletânea de ensinamentos e textos que o incansável teólogo reuniu. Augustus Strong foi eleito presidente e professor de Teologia Bíblica do Seminário Teológico de Rochester, no Estado de Nova York, em 1872. Ocupou esses dois cargos durante 40 anos, após pastorear a Primeira Igreja Batista de Cleveland, Estado de Ohio, por sete anos. Não abandonou o espírito pastoral na “torre de marfim” do seminário.

A *Teologia sistemática* de Strong (primeira edição, 1886) encontra o seu centro em Cristo. Em suas palavras “A pessoa de Cristo foi o fio da meada que segui; Sua divindade e Sua expiação eram os dois focos da grande elipse” (citado por W. R. Estep, Jr. na Enciclopédia Histórica e Teológica da Igreja Cristã, ed. W. A. Elwell, ed. Vida Nova, 1990, vol. III, p. 420). O leitor não precisa ler os dois volumes para perceber a riqueza de apoio bíblico e teologia histórica. Entre os teólogos mais destacados dos batistas do sul dos Estados Unidos, E. Y. Mullins e W. T. Conner receberam forte influência de Strong. Espero que esta obra, *Teologia sistemática*, seja bem recebida no Brasil. Deve ser um referencial para os que procuram uma âncora para a sua fé, mesmo que tenha sido escrita antes do aparecimento dos teólogos liberais, como Paul Tillich e Rudolf Bultmann.

A Deus toda a glória!
Pr. dr. Russell Shedd

PREFÁCIO DO AUTOR

A presente obra é uma revisão e ampliação da minha *Systematic theology*, primeiramente publicada em 1886. Da obra original foram impressas sete edições, cada uma das quais incorporando sucessivas correções e supostos aprimoramentos. Nos vinte anos que mediaram entre a primeira publicação, reuni muito material novo, que agora ofereço ao leitor. Meu ponto de vista filosófico e crítico nesse período também sofreu alguma mudança. Conquanto ainda eu sustente as doutrinas antigas, interpreto-as de modo diferente e as exponho com maior clareza, pois a mim me parece ter chegado a uma verdade fundamental que lança novas luzes sobre todas elas. Essa verdade procurei estabelecer em meu livro intitulado *Christ in creation*, e delas faço referências ao leitor para mais informações.

Que Cristo é O único Revelador de Deus, na natureza, na humanidade, na História, na ciência, na Escritura, a meu juízo, se constitui na chave da teologia. Este ponto de vista implica uma concepção monística e idealista do mundo, com uma idéia evolutiva quanto à sua origem e progresso. No entanto, é o próprio antídoto do panteísmo que reconhece a evolução como único método do Cristo transcendente e pessoal, que é tudo em todos e que faz o universo teológico e moral a partir do centro da sua circunferência e desde o seu começo até agora.

Nem a evolução, nem a alta crítica tem algo de aterrador para aquele que as considera como porção do processo criador e educador da parte de Cristo. O mesmo Cristo em quem estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento fornece todas as salvaguardas e limitações necessárias. Tão-somente porque Cristo tem sido esquecido é que a natureza e a lei têm sido personificadas, e a História tem sido considerada como um desenvolvimento sem propósito, que se tem feito referência ao judaísmo como tendo uma origem simplesmente humana, que se tem pensado que Paulo tirou a Igreja do seu próprio curso mesmo antes de iniciar o seu próprio curso, que a superstição e ilusão vieram a parecer o único fundamento do sacrifício dos mártires e o triunfo das missões modernas. De modo nenhum creio em uma evolução irracional e ateuista como essa. Ao contrário, creio Naquele em quem consistem todas as coisas, que está com o Seu povo até o fim do mundo e prometeu conduzi-lo em toda a verdade.

A filosofia e a ciência são boas servas de Cristo, mas pobres guias quando rejeitam o Filho de Deus. Quando chego ao meu 70º. ano de vida e, no meu aniversário escrevo estas palavras, sou grato por aquela experiência da união com Cristo que me capacitou a ver na ciência e na filosofia o ensino do meu Senhor. Porém, essa mesma experiência pessoal me fez mais consciente do ensino de Cristo na Escritura, e me fez reconhecer em Paulo e João uma verdade mais profunda do que a que foi descoberta por quaisquer autores, uma verdade com relação ao pecado e à sua expiação e que satisfaz aos mais profundos anseios da minha natureza e que por si mesma é evidente e divina.

Preocupam-me algumas tendências teológicas dos nossos dias, pois creio que elas são falsas tanto na ciência quanto na religião. Como homens que se sentem pecadores perdidos e que uma vez receberam o perdão do seu Senhor e Salvador crucificado podem daí em diante rebaixar Seus atributos, negar a Sua divindade e expiação, arrancar da sua frente a coroa do milagre e soberania, relegá-Lo ao lugar de um mestre simplesmente moral que nos influencia apenas como o fez Sócrates com palavras proferidas através dos tempos, passa pela minha compreensão. Eis aqui o meu teste de ortodoxia: Dirigimos nossas orações a Jesus? Invocamos o nome de Cristo como Estêvão e toda a Igreja primitiva? O nosso Senhor vivo é onipresente, onisciente, onipotente? Ele é divino só no sentido em que nós também o somos, ou é Ele o Filho unigênito, Deus manifesto em carne, em quem habita corporalmente toda a plenitude da divindade? Que pensais vós de Cristo? Esta ainda é a pergunta crítica, e a ninguém que, diante da evidência que Ele nos forneceu, se não pode responder corretamente, assiste o direito de chamar-se cristão.

Sob a influência de Ritschl e seu relativismo kantiano, muitos dos nossos mestres e pregadores têm deslizado para a negação prática da divindade de Cristo e da Sua expiação. Parece que estamos à beira do precipício de uma repetida falha unitária, que esfacelará as igrejas e compelirá a cisões, de maneira pior que a de Channing e Ware há um século. Os cristãos americanos se recuperaram daquele desastre somente ao afirmar vigorosamente a autoridade de Cristo e a inspiração das Escrituras. Necessitamos de uma visão do Salvador como a que Paulo teve no caminho de Damasco e João na ilha de Patmos, para nos convenceremos de que Jesus está acima do espaço e do tempo, que a Sua existência antedata a criação, que Ele conduziu a marcha da história dos hebreus, que Ele nasceu de uma virgem, sofreu na cruz, levantou-se dentre os mortos, e agora vive para sempre, é Senhor do universo, o único Deus com quem nos relacionamos, nosso Salvador aqui e Juiz no futuro. Sem haver avivamento nesta fé, nossas igrejas se tornarão secularizadas, a missão morrerá, e o castiçal será removido do seu lugar como ocorreu às sete igrejas da Ásia e como tem sido com as igrejas da Nova Inglaterra, que apostataram.

Imprimo esta edição revista e ampliada da minha *Systematic theology* na esperança de que a sua publicação possa fazer algo para refrear esta veloz maré que avança, e confirmar a fé nos eleitos de Deus. Não tenho dúvida que os cristãos, em sua grande maioria, ainda mantêm a fé que, de uma vez por todas foi entregue aos santos e que eles, cedo ou tarde, hão de separar-se dos que negam o Senhor que os comprou. Quando o inimigo entra como um dilúvio, o Espírito do Senhor levanta o estandarte contra ele. É preciso fazer a minha parte levantando tal estandarte. É preciso que eu conduza outros a reconhecer, como eu, a despeito das opiniões arrogantes da moderna infidelidade, a minha firme crença, reforçada somente pela experiência e reflexão de meio século nas velhas doutrinas da santidade como atributo fundamental de Deus, de uma transgressão e pecado de toda a raça humana, na preparação divina da história hebréia da redenção do homem, na divindade, na preexistência, nascimento virginal, expiação vicária e ressurreição corporal do nosso Senhor Jesus Cristo, e na Sua futura vinda para julgar os vivos e os mortos. Eu creio que estas são verdades da ciência assim como da revelação; que ainda se verá que o sobrenatural é mais verdadeiramente natural; e que não o teólogo de mente aberta, mas o cientista de mente estreita será obrigado a esconder a sua cabeça na vinda de Cristo.

O presente volume, ao tratar do monismo ético, da inspiração, dos atributos de Deus e da Trindade, contém um antídoto para a mais falsa doutrina que agora ameaça a segurança da Igreja. Desejo agora chamar especialmente a atenção para

o assunto perfeição e os atributos por ela envolvidos, pois acredito que a recente fusão da santidade com o amor e a negação prática de que essa retidão é fundamental na natureza de Deus são responsáveis pelos pontos de vista utilitários da lei e os pontos de vista superficiais sobre o pecado que agora prevalecem em alguns sistemas de teologia. Não pode haver nenhuma apropriada doutrina da retribuição, quando se recusa a sua preeminência. O amor deve ter uma norma ou padrão, e isso só pode ser encontrado na santidade. A velha convicção do pecado e do senso de culpa que conduz o pecador convicto à cruz são inseparáveis de uma firme crença no atributo de Deus logicamente auto-afirmante, anterior ao autocomunicante e condicionado a ele. A teologia da nossa época carece de um novo ponto de vista sobre o justo. Tal ponto de vista esclarecerá que deve haver uma reconciliação com Deus antes que o homem seja salvo, e que a consciência humana seja apaziguada só na condição de que se faça uma propiciação à justiça divina. Neste volume, proponho o que considero a verdadeira doutrina de Deus, pois nela deve basear-se tudo o que se segue nos volumes sobre a doutrina do homem e a da salvação.

A presença universal de Cristo, luz que ilumina a todo homem tanto em terras pagãs quanto cristãs, para dirigir ou governar todos os movimentos da mente humana, dá-me a confiança de que os recentes ataques à fé cristã fracassarão no seu propósito. Torna-se evidente, por fim, que não só atacam-se as obras primorosas, mas até mesmo a cidadela. Pede-se que se abandone toda a crença na revelação especial. Dizem que Jesus Cristo veio em carne exatamente como qualquer um de nós, e Ele era antes de Abraão senão só no mesmo sentido que nós somos. A experiência cristã sabe como caracterizar essa doutrina tão logo se estabelece de um modo claro. E a nova teologia entrará em voga possibilitando que até mesmo crentes comuns reconheçam a heresia destruidora de almas mesmo sob a máscara de professa ortodoxia.

Não faço apologia alguma do elemento homilético do meu livro. Para ser verdadeira ou útil, a teologia deve ser uma paixão. *Pectus est quod theologum facit*, e nenhum zombador que apregoa a “Teologia Peitoral” me impedirá de sustentar que os olhos do coração devem ser iluminados para perceber a verdade de Deus e que, para conhecer a verdade, é necessário praticá-la. A teologia é uma ciência cujo cultivo pode ser bem-sucedido somente em conexão com sua aplicação prática. Por isso, em cada debate dos seus princípios, devo assinalar suas relações com a experiência cristã, e a sua força para despertar emoções cristãs e levar a decisões cristãs. Teologia abstrata, na verdade, não é científica. Só é científica a teologia que traz o estudioso aos pés de Cristo.

Anseio pelo dia que, em nome de Jesus, todo joelho se dobre. Creio que, se cada um servir a Cristo, o Pai o honrará, e ele honrará o Pai. Eu mesmo não me orgulharia de crer tão pouco, mas sim de crer muito. Fé é a medida que Deus avalia o homem. Por que haveria de duvidar que Deus falou aos pais pelos profetas? Por que haveria de pensar que é incrível Deus ressuscitar os mortos? O que é impossível aos homens, é possível a Deus. Quando o Filho do homem vier, porventura achará fé na terra? Queira Deus que encontre fé em nós, que professamos ser Seus seguidores. Na convicção de que as trevas presentes são apenas temporárias e que serão banidas por um glorioso alvorecer, ofereço ao público esta nova edição da minha “Teologia” rogando a Deus que qualquer que seja a boa semente, que frutifique, e qualquer que seja a planta que o Pai não plantou, que seja arrancada.

Rochester Theological Seminary,
Rochester, N. Y., 3 de agosto de 1906.
Augustus Hopkins Strong

SUMÁRIO

PARTE I – PROLEGÔMENOS.....	29
CAPÍTULO I – IDÉIA DE TEOLOGIA	
I. Definição de teologia	29
II. Alvo da teologia	30
III. Possibilidade da teologia	31
1. Na existência de um Deus que se relaciona com o universo	32
2. Na capacidade humana de conhecer Deus e seguros dessa relação	36
3. Na revelação do próprio Deus	46
IV. Necessidade da teologia	52
1. No instinto organizador da mente humana	52
2. Na relação da verdade sistemática com o desenvolvimento do caráter	53
3. Na importância dos pontos de vista definidos e justos da doutrina cristã para o pregador	54
4. Na íntima conexão entre a doutrina correta e o firme e agressivo poder da Igreja	56
5. Nas injunções diretas e indiretas da Escritura	57
V. Relação da teologia com a religião	58
1. Derivação	59

2. Falsas concepções	59
3. Idéia essencial	61
4. Inferências	62

CAPÍTULO II – O MATERIAL DA TEOLOGIA

I. Fontes da teologia	67
1. A Escritura e a natureza	69
2. A Escritura e o racionalismo	74
3. A Escritura e o misticismo	77
4. A Escritura e o romanismo	80
II. Limitações da teologia	82
1. Na finitude do entendimento humano	82
2. No estado imperfeito da ciência natural e metafísica	83
3. Na inadequação da língua	84
4. No nosso conhecimento incompleto das Escrituras.....	84
5. No silêncio da revelação escrita	85
6. Na falta de discernimento espiritual causada pelo pecado	85
III. Relações do material com o progresso da teologia	86
1. É impossível um sistema perfeito de teologia	86
2. Apesar de tudo isso, a teologia é progressiva	87

CAPÍTULO III – O MÉTODO DA TEOLOGIA

I. Requisitos para o estudo da teologia	89
1. Uma mente disciplinada	89
2. Um hábito mental intuitivo distinto de outro simplesmente lógico	90
3. Conhecimento das ciências física, mental e moral	91
4. Conhecimento das línguas originais da Bíblia	92
5. Afeição santa para com Deus	92
6. A influência iluminadora do Espírito Santo	93
II. Divisões da teologia	94
1. A Teologia Bíblica	94
2. A Teologia Histórica	95
3. A Teologia Sistemática	95
4. A Teologia Prática	96

III. História da teologia sistemática	99
1. Na Igreja do Oriente	99
2. Na Igreja do Ocidente	100
3. Entre os teólogos de pontos de vista diferentes da fé protestante prevalecente	104
4. Teologia britânica	105
5. Teologia americana	107
IV. Ordem de tratamento na teologia sistemática	108
1. Vários métodos de ordenação dos tópicos de um sistema teológico	108
2. O método sintético	109
 PARTE II – A EXISTÊNCIA DE DEUS	111
 CAPÍTULO I – ORIGEM DA NOSSA IDÉIA DA EXISTÊNCIA DE DEUS	
I. Primeiras verdades em geral	113
1. Sua natureza	113
2. Seus critérios	116
II. A existência de Deus, uma primeira verdade	117
1. Universalidade	117
2. Necessidade	120
3. Independência e prioridade lógicas	122
III. Outras supostas fontes da nossa idéia da existência de Deus	127
1. Não da revelação exterior	127
2. Não da experiência	129
3. Não do raciocínio	133
IV. Conteúdo dessa intuição	135
 CAPÍTULO II – EVIDÊNCIAS CORROBORATIVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS.....	141
I. Argumento cosmológico ou argumento na mudança da natureza	144
1. Defeitos do argumento cosmológico	145
2. O valor do argumento cosmológico	147
II. Argumento teleológico ou argumento da ordem útil na natureza	147
1. Mais explicações	148
2. Defeitos do argumento teleológico	153
3. O valor do argumento teleológico	155

III. Argumento antropológico ou argumento moral e mental do homem	156
IV. Argumento ontológico ou argumento de nossas idéias necessárias e abstratas .	164
1. De Samuel Clarke	164
2. De Descartes	165
3. De Anselmo	166

CAPÍTULO III – EXPLICAÇÕES ERRÔNEAS E CONCLUSÃO

I. Materialismo	174
II. Idealismo materialista	182
III. Panteísmo ideologista	190
IV. Monismo ético	199

PARTE III – AS ESCRITURAS, UMA REVELAÇÃO DA PARTE DE DEUS

CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

I. Razões <i>a priori</i> para esperar uma revelação da parte de Deus.	209
1. Necessidades da natureza do homem	209
2. Pressuposição de um suprimento	212
II. As marcas da revelação que o homem pode esperar	214
1. Quanto à sua substância	214
2. Quanto ao seu método	215
3. Quanto à sua certificação	218
III. Os milagres, um atestado da revelação divina	219
1. Definição de milagre	219
2. Possibilidade do milagre	225
3. Probabilidade dos milagres	230
4. Testemunho necessário para se provar um milagre	235
5. Força evidencial dos milagres	237
6. Falsos milagres	243
IV. Profecia atestando uma revelação divina	246
1. Definição	246
2. Relação da profecia com os milagres	248
3. Requisitos, na profecia, considerados como evidência da revelação	249
4. Características gerais da profecia nas Escrituras	250

5. Profecia messiânica em geral	251
6. Profecias especiais pronunciadas por Cristo	252
7. Sobre o duplo sentido da profecia	254
8. Propósito da profecia – até onde não se cumpriu	257
9. Poder evidencial da profecia – quando cumprida	258
V. Princípios de evidência histórica aplicáveis à prova de uma revelação divina	259
1. Quanto à evidência documentária	259
2. Quanto ao testemunho em geral	261

CAPÍTULO II – PROVAS POSITIVAS QUE AS ESCRITURAS SÃO A REVELAÇÃO DIVINA

265

I. Genuinidade dos documentos cristãos	265
1. Genuinidade dos livros do Novo Testamento	267
a. O mito da teoria de Strauss	282
b. Teoria da tendência de Baur	284
c. A sonhadora teoria de Renan	289
d. O desenvolvimento da teoria de Harnack	292
2. Genuinidade dos livros do Antigo Testamento	297
O alto criticismo em geral	303
A autoria do Pentateuco em particular	305
II. Credibilidade dos escritores da Bíblia	308
1. Eles são testemunhas capazes ou competentes	308
2. Eles são testemunhas honestas	308
3. Os escritos dos evangelistas recíproca e simultaneamente se apóiam	309
4. Conformidade do testemunho do evangelho com a experiência	309
5. Coincidência desse testemunho com os fatos e circunstâncias colaterais	310
6. Conclusão a partir do argumento para a credibilidade dos escritores dos evangelhos	310
III. O caráter sobrenatural do ensino da Escritura	312
1. O ensino da Escritura em geral	312
2. Sistema moral do Novo Testamento	315
Sistemas pagãos de moralidade	318
3. A pessoa e o caráter de Cristo	332
4. O testemunho do próprio Cristo	336

IV. Resultados históricos da propagação da doutrina da Escritura	339
1. O rápido progresso do evangelho nos primeiros séculos de nossa era	339
2. A influência benéfica das doutrinas e preceitos da Escritura	343

CAPÍTULO III – INSPIRAÇÃO NAS ESCRITURAS..... 349

I. Definição de inspiração	349
II. Prova da inspiração	353
III. Teorias sobre a inspiração	360
1. Teoria da intuição	360
2. Teoria da iluminação	364
3. Teoria do ditado	371
4. Teoria da dinâmica	375
IV. União dos elementos divino e humano na inspiração	376
V. Objeções à doutrina da inspiração	393
1. Erros em matéria de ciência	395
2. Erros em matéria de história	400
3. Erros no campo da moral	406
4. Erros de raciocínio	410
5. Erros na citação ou interpretação do Antigo Testamento	413
6. Erros na profecia	415
7. Alguns livros não merecem lugar na Escritura inspirada	417
8. Porções dos livros da Escritura escritos por outras pessoas que não são aquelas a quem são atribuídos	420
9. Narrativas céticas ou fictícias	423
10. Reconhecimento da não inspiração de mestres da Escritura e de seus escritos... ..	427

PARTE IV – NATUREZA, DECRETOS E OBRAS DE DEUS 429

CAPÍTULO I – ATRIBUTOS DE DEUS

I. Definição do termo atributos	430
II. Relação dos atributos divinos com a essência divina.....	430
1. Os atributos têm uma existência objetiva	430
2. Os atributos são inerentes à essência divina	433
3. Os atributos pertencem à essência divina como tal	433
4. Os atributos manifestam a essência divina	434

III. Métodos para determinar os atributos divinos.....	435
1. Método racional	435
2. Método bíblico	436
IV. Classificação dos atributos	436
V. Atributos absolutos ou imanentes	
Primeira divisão – Espiritualidade e os atributos envolvidos por ela.	439
1. Vida	442
2. Pessoalidade	444
Segunda divisão – Infinitude e os atributos envolvidos por ela.....	446
1. Existência	451
2. Imutabilidade	453
3. Unidade.....	455
Terceira divisão – Perfeição e os atributos por ela envolvidos	457
1. Verdade	458
2. Amor	462
3. Santidade	470
VI. Atributos relativos ou transitivos	483
Primeira divisão – Atributos relacionados com tempo e espaço	483
1. Eternidade	483
2. Imensidade	489
Segunda divisão – Atributos relacionados com a criação	491
1. Onipresença	491
2. Onisciência	496
3. Onipotência	504
Terceira divisão – Atributos relacionados com os seres morais	506
1. Veracidade e fidelidade ou verdade transitiva	506
2. Misericórdia e bondade ou amor transitivo.....	508
3. Justiça e retidão, ou santidade transitiva.....	510
VII. Nível e relações dos vários atributos.....	518
1. Santidade, atributo fundamental de Deus	519
2. A santidade de Deus, a base da obrigação moral	524
 CAPÍTULO II – DOCTRINA DA TRINDADE	 533
I. Na Escritura há três que são reconhecidos como Deus	536
1. Provas do Novo Testamento	536

A. O Pai é reconhecido como Deus	536
B. Jesus Cristo é reconhecido como Deus	536
C. O Espírito Santo é reconhecido como Deus	553
2. Indicações do Antigo Testamento	556
A. Passagens nas quais se percebe o ensino da pluralidade de Deus	556
B. Passagens relativas ao Anjo do Senhor	559
C. Descrição da sabedoria e Palavra divinas	560
D. Descrição do Messias	563
II. Estes Três são descritos na Escritura de tal modo que somos compelidos a concebê-los como pessoas distintas	565
1. O Pai e o Filho são pessoas distintas uma da outra	565
2. O Pai e o Filho são pessoas distintas do Espírito	565
3. O Espírito Santo é uma pessoa	566
III. Essa tripessoalidade da natureza divina não é simplesmente econômica e temporal, mas imanente e eterna	572
1. Prova da Escritura de que essas distinções de personalidade são eternas	572
2. Erros refutados pelas passagens anteriores	573
A. O sabelianismo	573
B. O arianismo	576
IV. Essa tripessoalidade não é triteísmo; pois, conquanto haja três pessoas, há apenas uma essência	579
V. As Três Pessoas, Pai, Filho, e Espírito Santo, são iguais	585
1. Estes títulos pertencem às Pessoas	585
2. Sentido qualificado desses títulos	586
3. Geração e processos consistentes com a igualdade	595
VI. Inescrutável, embora não autocontraditória, essa doutrina fornece a chave para todas as outras doutrinas	601
1. O modo dessa existência trina é inescrutável	601
2. A doutrina da Trindade não é autocontraditória	604
3. A doutrina da Trindade tem importantes relações com outras doutrinas	606
 CAPÍTULO III – OS DECRETOS DE DEUS	 617
I. Definição de decretos	617
II. Prova da doutrina dos decretos	620

1. Da Escritura	620
2. Da razão	623
a. A partir da presciência divina	623
b. A partir da sabedoria divina	626
c. A partir da imutabilidade divina	627
d. A partir da benevolência divina	627
III. Objeções à doutrina dos decretos	628
1. Que eles são inconsistentes com a livre atuação do homem.....	628
2. Que eles afastam todo o motivo do exercício humano.....	633
3. Que eles fazem Deus o autor do pecado.....	637
IV. Notas finais	642
1. Empregos práticos da doutrina dos decretos.....	642
2. O verdadeiro método da pregação da doutrina	643
CAPÍTULO IV – AS OBRAS DE DEUS; OU A EXECUÇÃO DOS DECRETOS... 645	
SEÇÃO I – CRIAÇÃO	
I. Definição de criação.....	645
II. Prova da doutrina da criação.....	649
1. Declarações diretas da Escritura	650
2. Evidência indireta da Escritura.....	655
III. Teorias que se opõem à criação	656
1. Dualismo	656
2. Emanação	665
3. Criação a partir da eternidade.....	670
4. Geração espontânea.....	675
IV. O relato mosaico da criação	678
1. As duas naturezas	678
2. Interpretação adequada.....	682
V. O fim de Deus na criação.....	687
1. O testemunho da Escritura.....	688
2. O testemunho da razão.....	690
VI. Relação da doutrina da criação com as outras doutrinas	696
1. Com a santidade e a benevolência de Deus	696
2. Com sabedoria e livre vontade de Deus	699

3. Com Cristo como revelador de Deus	701
4. Com a providência e a redenção	704
5. Com a observância do sábado.....	705
SEÇÃO II – PRESERVAÇÃO	711
I. Definição de preservação	711
II. Prova da doutrina da preservação	713
1. Da Escritura	713
2. Da razão	714
III. Teorias que virtualmente negam a doutrina da preservação	717
1. Deísmo	717
2. Criação contínua	719
IV. Observações sobre a parceria divina	723
SEÇÃO III – PROVIDÊNCIA	727
I. Definição de providência	727
II. Prova da doutrina da providência	729
1. Prova escriturística	729
2. Prova racional	738
III. Teorias opostas à doutrina da providência	740
1. Fatalismo	740
2. Casualismo	742
3. Teoria de uma providência simplesmente geral	743
IV. Relações da doutrina da providência	748
1. Com os milagres e com as obras da graça	748
2. Com a oração e a resposta	750
3. Com a atividade cristã	760
4. Com os maus atos dos agentes livres	764
SEÇÃO IV – OS ANJOS BONS E OS MAUS	769
I. Afirmações e sugestões da Escritura	771
1. Quanto à natureza e atributos dos anjos	771

2. Quanto ao seu número e organização	776
3. Quanto ao seu caráter moral.....	780
4. Quanto às suas funções.....	782
A. Funções dos anjos bons	782
B. Funções dos anjos maus	788
II. Objeções à doutrina dos anjos	797
1. À doutrina dos anjos em geral	797
2. À doutrina dos anjos maus em particular	798
III. Empregos práticos da doutrina dos anjos.....	802
A. Emprego da doutrina dos anjos bons.....	802
B. Emprego da doutrina dos anjos maus	803

PARTE I

PROLEGÔMENOS

CAPÍTULO I

IDÉIA DE TEOLOGIA

I. DEFINIÇÃO DE TEOLOGIA.

Teologia é a ciência de Deus e das *relações* entre Deus e o universo.

Embora a palavra “teologia” seja empregada, às vezes, em escritos dogmáticos para designar um simples departamento da ciência que trata da natureza e atributos divinos, o uso prevalecente, desde ABELARDO (1079-1142 d.C.), que intitulou seu tratado geral “Theologia Christiana”, o qual abrange sob este termo todo o acervo da doutrina cristã. Por isso, a teologia trata, não só de Deus, mas das relações entre Deus e o universo, motivo por que falamos da Criação, da Providência e da Redenção.

Os Pais chamam o evangelista João de “o teólogo”, pois ele trata mais plenamente do relacionamento interno das pessoas da Trindade. GREGÓRIO NAZIANZENO (328) recebeu essa designação, pois defendia a divindade de Cristo contra os arianos. Para um exemplo moderno desse emprego do termo “teologia” no sentido restrito, veja o título do primeiro volume do dr. HODGE: *Systematic theology*, Vol. I: *Teologia*. No entanto, teologia não é somente “a ciência de Deus”, nem mesmo “a ciência de Deus e do homem”. Ela também dá conta das relações entre Deus e o universo.

Se o universo fosse Deus, a teologia seria a única ciência. Visto que o universo é apenas uma manifestação de Deus e se distingue dele, há ciências da natureza e da mente. A teologia é a “ciência das ciências”, não no sentido de incluir todas estas, mas no sentido de empregar os seus resultados e mostrar a sua base subjacente; (veja WARDLAW, *Theology*, 1.1,2). A ciência física não é uma parte da teologia. Somente como físico, HUMBOLDT não precisava mencionar o nome de Deus em seu *Cosmos* (contudo, veja *Cosmos*, 2.413, onde ele diz: “O salmo 104 apresenta uma imagem do cosmos todo”). O bispo de CARLISLE: “A ciência é atéia, mas nem por isso pode ser ateuista”.

Somente quando consideramos as relações das coisas finitas com Deus é que o estudo delas fornece material para a teologia. A antropologia é uma parte da teologia, pois a natureza do homem é obra de Deus e porque a forma de Deus tratar o homem lança luz sobre o caráter de Deus. Deus é conhecido por intermédio das Suas obras e das Suas atividades. Por isso, a teologia dá conta dessas obras e atividades na medida em que elas acompanham o nosso conhecimento. Todas as outras ciências exigem a teologia para a sua explicação completa. PROUDHON: “Se você se aprofundar muito na política, esteja certo de entrar na teologia”. Para uma definição de teologia, veja LUTHARDT, *Compendium der dogmatik*, 1.2; BLUNT, *Dict., doct., e Hist. theol.*, art.: *Theology*; H. B. SMITH, *Introd. to christ. theol.*, 44; cf. ARISTÓTELES, *Metaph.*, 10,7,4; 11,6,4; e LACTANTIUS, *De ira Dei*, 11.

II. ALVO DA TEOLOGIA.

O alvo da teologia é a certificação dos fatos que dizem respeito a Deus e às relações entre Deus e o universo, e a apresentação de tais fatos em sua unidade racional como partes conexas de um formulado e orgânico sistema de verdade.

Ao definirmos a teologia como ciência, indicamos o seu alvo. A ciência não cria; descobre. A teologia responde a essa descrição da ciência. Descobre fatos e relações, mas não os cria. FISHER, *Nature and method of revelation*, 141 – “SCHILLER, referindo-se ao ardor da fé em Colombo, diz que, se o grande descobridor não tivesse achado um continente, ele o teria criado. Contudo, a fé não é criativa. Se Colombo não tivesse achado a terra – não haveria uma resposta objetiva da sua crença – sua fé teria sido mera fantasia”. Porque a teologia trata de fatos objetivos, nos recusamos a defini-la como “ciência da religião”; *versus Am. theol. rev.*, 1850: 101-126, e THORNWELL, *Theology*, 1.139. Tanto os fatos quanto as relações de que a teologia trata têm uma existência independente dos processos mentais subjetivos do teólogo.

Ciência não é apenas observação, registro, verificação e formulação de fatos objetivos; é também o reconhecimento e a explicação das relações entre esses fatos e a síntese tanto dos fatos quanto dos princípios racionais que os unem em um sistema abrangente, corretamente proporcional e orgânico. Tijolos e madeira-mento espalhados não são uma casa; braços, pernas, cabeças e troncos separados em uma sala de dissecação não são homens vivos; e fatos isolados não constituem ciência. Ciência = fatos + relações; WHEWELL, *Hist. inductive sciences*, I, Introd., 43 – “Pode haver fatos sem ciência, como no conhecimento do cavouqueiro; pode haver pensamento sem ciência, como na antiga filosofia grega”. A. MACDONALD: “O método *a priori* relaciona-se com o método *a posteriori* como as velas com o mastro de uma embarcação: quanto melhor é a filosofia, maior é a providência de um número suficiente de fatos; de outra forma ocorre o perigo de transtornar o empreendimento”.

Presidente WOODROW WILSON: “A enfática injunção da nossa era diz aos historiadores: ‘dai-nos os fatos’... Contudo, os fatos em si não constituem a verdade. A verdade não é concreta; é abstrata. É só a idéia, a revelação correta, do sentido que as coisas têm. Ela só é evocada pela distribuição e ordenação dos fatos que sugerem o sentido”. DOVE, *Logic of the christian faith*, 14 – “Perseguir a ciência é perseguir as relações”. EVERETT, *Science of thought*, 3 – “Logia” (*p. ex.* na palavra “teologia”), de λόγος, = palavra + razão, expressão + pensamento, fato + idéia; cf. João 1.1 – “No princípio era o Verbo”.

Como a teologia trata de fatos objetivos e suas relações, assim a disposição desses fatos não é opcional, mas é determinada pela natureza da matéria de que ela trata. A verdadeira teologia repensa os pensamentos de Deus e os coloca na disposição de Deus, como os construtores do templo de Salomão tomaram as pedras já lavradas e as fixaram nos lugares para os quais o arquiteto as designara; REGINALD HEBER: “Não caiu nenhum martelo, nenhum machado tiniu; Como a longa palmeira, surgiu a fábrica mística”. Os cientistas não temem que os dados da física bitolem ou comprimam o seu intelecto; nem devem temer os fatos objetivos que são os dados da teologia. Não podemos fazer teologia do mesmo modo que não podemos fazer uma lei da natureza física. Como o filósofo natural é “Naturae minister et interpres”, assim o teólogo é servo e intérprete da verdade objetiva de Deus.

III. POSSIBILIDADE DA TEOLOGIA.

A possibilidade da teologia tem uma tríplice base: 1. Na existência de um Deus que se relaciona com o universo; 2. Na capacidade da mente humana de

conhecer Deus e algumas de tais relações; 3. Na provisão de meios pelos quais Deus se coloca em real contato com a mente ou, em outras palavras, na provisão de uma revelação.

Qualquer ciência em particular só se torna possível quando combina três condições, a saber, a verdadeira existência do objeto de que ela trata, a capacidade subjetiva da mente humana conhecer tal objeto, e a provisão de meios definidos pelos quais os objetos entram em contato com a mente. Podemos ilustrar as condições da teologia a partir da selenologia – a ciência, não da “política lunar”, que de modo tão infundado JOHN STUART MILL pensava perseguir, mas da física lunar. A selenologia é possível sob três condições:

1) a existência objetiva da lua; 2). a capacidade subjetiva da mente humana de conhecê-la; e 3). a provisão de alguns meios (*p. ex.*, os olhos e o telescópio) pelos quais a lacuna entre o homem e a lua ligam-se e pelos quais a mente pode apossar-se do conhecimento verdadeiro dos fatos relativos à lua.

1. *Na existência de um Deus que se relaciona com o universo.* Tem-se objetado, na verdade, que desde que Deus e essas relações são objetos apreendidos somente pela fé, não são objetos próprios do conhecimento ou assuntos próprios da ciência. Respondemos:

A) A fé é conhecimento e o mais elevado tipo de conhecimento. A ciência física também se apóia na fé – fé na nossa existência, na existência de um mundo objetivo e exterior a nós e na existência de outras pessoas além de nós mesmos; fé nas nossas convicções primitivas, como espaço, tempo, causa, substância, desígnio, certeza; fé na confiabilidade das nossas faculdades e no testemunho dos nossos semelhantes. Nem por isso a ciência física é invalidada, porque tal fé, embora diferente na percepção sensorial ou demonstração lógica, é ainda um ato cognitivo da razão e pode ser definido como certificação relativa à matéria em que a verificação é impossível.

A citada e respondida objeção à teologia se expressa nas palavras de Sir WILLIAM HAMILTON, *Metaphysics*, 44, 531: “Fé – crença – é o órgão pelo qual nós apreendemos o que está além do nosso conhecimento”. Contudo, ciência é conhecimento e o que está além do nosso conhecimento não pode ser matéria de ciência. O presidente E. G. ROBINSON diz com precisão que o conhecimento e a fé não podem ser separados um do outro, como os compartimentos de um navio, dos quais o primeiro pode ser esmagado enquanto o segundo ainda mantém o